

DOSSIÊ:

ABORDAGENS MULTIDISCIPLINARES DA TRADUÇÃO

---

*Multidisciplinary approaches to translation*



# APRESENTAÇÃO

## *Presentation*

Seja como prática ou como questão, a ancestralidade da tradução, bem como sua relevância para os mais diversos campos da atividade humana são, há muito, amplamente conhecidas e reconhecidas. No entanto, somente na segunda metade do século XX a soma dos esforços de tradutores e pesquisadores voltou-se mais extensivamente para a institucionalização da tradução como área de formação profissional na Universidade e como campo disciplinar no universo acadêmico. Hoje são muitos os sinais concretos do estabelecimento da área dos Estudos da Tradução: os inúmeros cursos de formação de tradutores; a multiplicação das linhas de pesquisa em tradução nos programas de pós-graduação da área de Letras e Linguística; a recente criação, para falar apenas do Brasil, de três programas de pós-graduação em Estudos da Tradução (UFSC, UnB e USP); a publicação regular de periódicos acadêmicos dedicados parcial ou exclusivamente à tradução, para não falar da comunidade crescente de pesquisadores que, assumindo ou não um vínculo direto com a área, coloca em causa tecnologias e saberes construídos a partir de um objeto – a um só tempo comum e heterogêneo – a que chamam *tradução*.

Como campo disciplinar que funda grande parte de sua especificidade na heterogeneidade de seu objeto e de suas respectivas abordagens metodológicas, os Estudos da Tradução, de maneira geral, nutrem-se de um movimento duplo: ao mesmo tempo em que mantêm o empenho no estabelecimento e na institucionalização de um domínio específico como área – movimento mais naturalmente marcado pelo corte, pela demarcação, pela distinção entre um dentro e um fora –, mantêm, ao mesmo tempo, uma convivência íntima e constante com outros campos do saber, alguns historicamente mais próximos, como os Estudos Literários, os Estudos da Linguagem, a Filosofia e a História, outros modernamente avizinados, como a Psicanálise, a Antropologia, as áreas tecnológicas, entre outros. Para dizer com outras palavras: muito do que em determinadas áreas seria reconhecido mais comumente como pesquisa de interface tem lugar, no campo dos Estudos da Tradução, como prática *esotérica*. Nesse sentido, o esforço de institucionalização do campo dos Estudos da Tradução constitui, por si só, um desafio às demarcações mais tradicionais de dentro e fora de uma área, colocando em questão, portanto, a própria noção de disciplinaridade.

Os trabalhos que constituem este dossiê são resultado do esforço reflexivo de pesquisadores que integram o *Grupo de Pesquisa MultiTrad* –

*Abordagens Multidisciplinares da Tradução*, grupo organizado em torno de um eixo que se funda justamente na heterogeneidade do objeto *tradução*. Os primeiros movimentos para constituição desse grupo de pesquisa surgiram em 2006, a partir do diálogo de pesquisadores de diversas instituições, reunidos no projeto “Possíveis limites éticos à intervenção do tradutor”, coordenado pela Profa. Maria Paula Frota (PUC-Rio). Os trabalhos desenvolvidos no âmbito desse projeto pautavam-se no reconhecimento dos ganhos associados às rupturas operadas pelo pós-estruturalismo no ideário tradicional sobre a atividade tradutora, particularmente no que tange às noções de sentido e de sujeito. Assumiam, porém, uma posição contrária tanto ao alargamento irrestrito de fronteiras conceituais da tradução quanto à capitulação diante da assunção de uma impossibilidade de se pensar ética e teoricamente a *poiesis* da tradução. Esses trabalhos tinham como objetivo, ainda, a discussão de possíveis limites éticos para a escrita tradutória (relativamente a outras modalidades de reescrita) e a discussão da própria noção de *ética* na tradução.

Em 2009, então redimensionado em função da adesão de novos membros e, conseqüentemente, da expansão do escopo teórico das discussões realizadas, o grupo foi formalizado como *Grupo de Pesquisa MultiTrad*. Assumindo a natureza multidisciplinar de suas pesquisas no campo dos Estudos da Tradução como ponto de convergência, o *Grupo MultiTrad* passaria, então, a investir mais centralmente na discussão de questões críticas, teóricas e aplicadas de tradução à luz de reflexões de outras áreas como os Estudos da Linguagem, os Estudos Literários, a Psicanálise, a Antropologia e a Filosofia.

Em novembro de 2011, contando com o apoio institucional do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Unicamp/IEL, o Grupo realizou, em Campinas, seu primeiro simpósio, de que são fruto, em suas versões definitivas, os trabalhos aqui apresentados.

Abre este dossiê o artigo “Tradução e perspectivismo”, de Helena Franco Martins. Ao construir um diálogo entre os Estudos da Tradução e o pensamento contemporâneo na Antropologia, a autora aproxima os escritos de Eduardo Viveiros de Castro, em especial no que diz respeito à sua noção de “perspectivismo ameríndio”, de esforços antiessencialistas, não-representacionistas de reflexão sobre a linguagem, em geral, e sobre a tradução, em particular. Helena Martins cria, assim, um lugar poderoso de reflexão e crítica, que, a um só tempo, intriga-nos e nos convoca a repensar os fazeres teóricos no campo dos Estudos da Tradução.

Os três textos que se seguem são representativos de três vertentes do diálogo dos Estudos da Tradução com a Filosofia. Em “A contribuição de filósofos judaicos para a ética do traduzir”, Maria Clara Castellões de Oliveira vai buscar na obra de filósofos de extração judaica, como Franz Rosenzweig, Walter Benjamin, Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas, per-

cepções que contribuem para colocar em perspectiva a defesa de uma ética da diferença, comumente endossada por estudiosos da tradução ditos de viés pós-estruturalista. Em “Revisitando os clássicos: Schleiermacher, numa ótica Wittgensteiniana”, Paulo Oliveira vale-se da concepção de linguagem e filosofia do Wittgenstein tardio para discutir, numa ótica contemporânea, os fundamentos epistêmicos das condições de apagamento do tradutor no pensamento de Schleiermacher. Já em “Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e a crítica da relação tradutória”, Mauricio Mendonça Cardozo coloca em discussão certa noção corrente de transformação para repensar limites e possibilidades da crítica de tradução, valendo-se, para tanto, de noções como a de liminaridade e incondicionalidade, importantes no pensamento de filósofos como Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy.

Em “Mais ou menos negra? Questões de negritude, tradução e a poesia de Harryette Mullen”, Lauro Maia Amorim discute as implicações estéticas, políticas e identitárias da tradução da poeta afro-americana no Brasil, tendo em vista a diferença de expectativas, no contexto de recepção americano e brasileiro, em relação à noção de miscigenação, um dos aspectos mais centrais de sua poesia. Ao cruzar discursos sobre tradução, poesia e identidade, o autor não apenas discute as especificidades do caso em questão, como também dá mostras das diferentes dimensões implicadas na prática tradutória.

Em “*Brasileira e Reconquista do Brasil*: projetos editoriais de traduções”, Cristina Carneiro Rodrigues apresenta duas coleções editadas em dois momentos importantes da história brasileira no século XX, a década de 40 e de 70, com foco na descrição dos elementos peritextuais e paratextuais de 5 projetos editoriais da coleção *Reconquista do Brasil*. No contexto desse movimento mais amplo, a autora pontua criticamente os diferentes lugares da tradução e dos tradutores nesses projetos editoriais, cumprindo o fim de esboçar, exemplarmente, um breve capítulo da história da tradução no Brasil. Ao fazer isso, a autora oferece-nos bom exemplo tanto da produtividade quanto da necessidade de aproximar a história da prática de tradução no Brasil dos estudos historiográficos e sociológicos sobre o livro.

Já em “A prática contemporânea de tradução com auxílio de sistemas de memórias e os limites da responsabilidade do tradutor”, Érika Stupiello discute as implicações do uso de sistemas de memórias sobre a autonomia do tradutor. Partindo de uma apresentação do contexto profissional dessa prática, a autora destaca a limitação da responsabilidade do profissional da tradução como consequência do uso discriminado dessas ferramentas. Trata-se, portanto, de reflexão de relevância tanto para profissionais da tradução quanto para tradutores em formação – especialmente

se levarmos em consideração que os estudos da relação entre tradução e tecnologia costumam centrar-se mais em questões instrumentais do que na discussão das implicações éticas de seu uso.

Fecha este dossiê o texto “Intérprete, eu serei”, de Márcia Atálla Pietroluongo. Trata-se de um trabalho muito singular, original e de tom bastante provocativo e pessoal, mas que, justamente na tensão da polêmica em que se inscreve, encontra relevância para a comunidade acadêmica em geral. O trabalho não só foge a todo e qualquer protocolo acadêmico, como também o tematiza, problematizando-o. Apresentado na forma de uma carta, o texto convoca seus leitores a repensarem a relação entre os sujeitos pesquisadores e seus objetos, entre o lugar acadêmico e seus efetivos fazeres, entre o jogo acadêmico e a vida de seus agentes. Indo além das questões de ordem técnica e epistemológica de uma área específica e tematizando uma dimensão raramente lembrada nas discussões de nosso meio, lembra-nos a autora de que, a cada instante de nosso fazer acadêmico, *somos*, ainda.

Sem mais para uma apresentação que não pretende abreviar o inabreviável, convidamos nossos leitores aos perigos e aos prazeres da leitura dos textos que se seguem.

Mauricio Mendonça Cardozo  
Maria Clara Castellões de Oliveira  
*Organizadores*